

A INFLUÊNCIA SUL-AFRICANA

MARIE SANZ (AFP)

BRILHANTE de tão novo, o complexo residencial alinha as suas casas brancas frente às areias finas da praia do Oceano Índico, a alguns quilómetros da decrepitude de Mâputo. Neste **bunker** de luxo colocado de baixo de rigorosa vigilância, vive o pessoal da missão comercial sul-africana em Maputo, uma espectacular consagração da presença de Pretória em Moçambique.

O ministro dos Estrangeiros sul-africano, Pik Botha, veio, em pessoa, inaugurar a aldeia residencial, baptizada **Helena Park**, em honra da esposa do ministro.

É ali que habitam, em circuito fechado, os empregados da missão comercial sul-africana, que, mal grado esta modesta designação, constitui uma

das mais numerosas representações diplomáticas de Maputo, num dos melhores quarteirões da capital.

Dois aviões, repletos de homens de negócios, foram fretados de Joanesburgo para a festa onde tudo, segundo um jornalista moçambicano presente, desde o mais simples prato até aos criados, provinha da África do Sul.

A inauguração da residência foi apenas a última manifestação do crescente interesse dos investidores sul-africanos por Moçambique. Eles estão omnipresentes em Maputo e invadem os hotéis da capital onde se torna difícil encontrar um quarto vago. A companhia aérea sul-africana SAA acaba mesmo de anunciar que

os voos entre Joanesburgo e Maputo passarão a ser diários, de tal modo a procura cresceu.

«Os sul-africanos apostaram em Moçambique e tanto a proximidade como o conhecimento que têm do país dão-lhes vantagens», disse-nos um diplomata ocidental. Desde que as perspectivas de paz se tornaram mais concretas que os sul-africanos se esforçam por estudar as possibilidades de investimento num país em ruínas, mas cujo potencial económico, é imenso, particularmente nos domínios agrícola, mineiro e turístico.

Ironicamente, a África do Sul que oficialmente abandonou qualquer apoio militar aos rebeldes da Renamo depois de anos de auxílio devastador, tornou-se hoje um

parceiro económico incontornável para Moçambique.

O mais belo hotel de Maputo, o Hotel Polana, um grande edifício colonial construído nos princípios do século face ao mar, dotado de uma piscina hexagonal à Hollywood rodeada de relvados cuidadosamente aparados, foi retomado por uma companhia sul-africana, que ali iniciou já trabalhos de renovação. A direcção do Hotel só aceita dólares ou randes, e um quarto na ala recuperada custa 100 dólares, uma soma exorbitante para um moçambicano cujo rendimento anual é de 150 dólares.

Recentemente, a África do Sul aprovou um empréstimo de 20 milhões de dólares a Moçambique

para a reabilitação da enorme barragem de Cahora Bassa. Actualmente subexplorada devido às destruições de pilares eléctricos pela Renamo, a barragem podia alimentar não só Moçambique como uma parte da África do Sul a baixos preços. A África do Sul participa igualmente na modernização do porto de Maputo, um dos maiores de África e trabalha num projecto de reconstrução da estrada entre Maputo e a fronteira sul-africana.

A influência económica evidente dos sul-africanos inquieta certos moçambicanos, para quem estes investidores têm também algo de neo-colonizadores.

«O problema», declara um funcionário moçambicano que pediu o anonimato, «é que económica-

mente, nós não temos alternativa. Somos um país arruinado onde 70 por cento da população depende duma ajuda alimentar de emergência. Nós temos de formar uma classe de empresários, de homens de negócios que possam agir no interesse dos moçambicanos, mas isso leva tempo».

A revista **África Events**, publicada em Londres e especializada em África, não hesitava no seu número de Setembro em falar em **putsch** económico sul-africano contra Moçambique.

No entanto, o clima de desconfiança que durante tanto tempo prevaleceu nas relações entre os dois países — apesar do Acordo de Nkomati de 1984 — parece estar enterrado e bem enterrado.